

## **LEXICOGRAFIA E TERMINOGRAFIA: ALGUNS CONTRAPONTO FUNDAMENTAIS**

Cleci Regina BEVILACQUA<sup>1</sup>  
Maria José Bocorny FINATTO<sup>2</sup>

- **RESUMO:** Este trabalho faz considerações sobre a natureza e o funcionamento do trabalho terminográfico, contrapondo-o à produção lexicográfica. Partindo de experiências com a elaboração de dicionários terminológicos da área jurídico-ambiental, pondera-se que há, nos dois tipos de trabalho, duas perspectivas bastante distintas para o enfoque do léxico.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Lexicografia; terminografia; dicionário monolíngüe; dicionário especializado; terminologia.

### **Introdução**

No processo de elaboração de um dicionário terminológico, muito antes de ser finalizada a lista de verbetes e revisadas as respectivas definições, o terminólogo vivencia um processo geral de planejamentos: desenho da macroestrutura geral, da microestrutura, seleção da nomenclatura etc. Trata-se de um planejamento complexo, multifacetado e que deve ser revisado durante todo o período de execução da obra, especialmente na sua etapa de revisão final. Um questionamento se coloca já desde o início do planejamento do trabalho terminográfico e tende a recrudescer ao seu final: que critérios presidem a confirmação ou rejeição de uma unidade de registro no repertório de termos que se pretende oferecer?

Adotando aqui o ponto de vista de quem organiza dicionários terminológicos e atua como mediador da comunicação especializada, queremos apenas pontuar e discutir possíveis elementos juntivos e disjuntivos entre dois “estilos” de produzir obras dicionarísticas, o estilo lexicográfico e o terminográfico. É nossa

---

<sup>1</sup> UFRGS – Departamento de Línguas Modernas – 91540-000 – Porto Alegre – RS – Brasil. Endereço eletrônico: bevilacqua@terra.com.br

<sup>2</sup> UFRGS – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – 91540-000 – Porto Alegre – RS – Brasil. Endereço eletrônico: mfinatto@terra.com.br

intenção contextualizar o questionamento antes colocado nas duas situações, mas privilegiando a produção terminográfica. De tal sorte, oferecemos alguns subsídios iniciais para quem pretenda investigar o que a terminografia tem de particular e em que aspectos provavelmente pode “conectar-se” com a tradição lexicográfica, salvaguardadas as suas diferenças e especificidades metodológicas.

Nossas considerações, neste texto, serão tecidas tomando alguns poucos exemplos de dicionário geral monolíngüe de tipo padrão como um elemento central e prototípico da lexicografia, ainda que o dicionário monolíngüe de usos ou de frequências seja também mencionado como um tipo de produto lexicográfico que lhe é afim ou conexo. Na parte que se refere à terminografia, valemo-nos de algumas amostras do nosso *Glossário de Gestão Ambiental*, em fase de finalização, tomado como uma amostra da grande variedade da produção terminográfica brasileira.

Na oportunidade de um reconhecimento merecido, queremos registrar, neste trabalho, que a nossa primeira percepção da distinção aqui tratada, entre Terminologia/terminografia e Metalexicografia e lexicografia prática, diferença que hoje nos parece fundamental, só pôde colocar-se à medida que pudemos contar, há mais de 15 anos atrás, com as orientações valiosas da Profa. Dra. Maria Tereza Camargo Biderman. Naquela época, iniciávamos nossa trajetória em Terminologia e Lexicografia junto ao Grupo TERMISUL. Em visita à nossa cidade para ministrar uma disciplina de Lexicografia junto ao nosso Curso de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, seus ensinamentos foram preciosos.

Assim, ao revisitar o tema da distinção entre esses dois fazeres, temos, por um lado, a oportunidade de rememorar o nosso passado e, por outro, de ponderar o nosso próprio futuro como pesquisadoras em meio aos novos tipos de trabalhos que iniciamos recentemente.

## **Lexicografia – fundamentos e o processo de lematização**

A finalidade da obra lexicográfica é, na percepção do usuário, a de, simplesmente, dirimir dúvidas. Sob essa ótica, sua principal missão será auxiliar os falantes nativos de uma língua com suas dificuldades de ortografia, de categorização e gramatical de palavras, além de prestar esclarecimentos sobre o significado e o uso de uma palavra pouco utilizada, incluindo algumas informações etimológicas. Essa visão do dicionário monolíngüe como fonte de soluções imediatas para determinadas dúvidas de uso da norma culta da língua produziu e fez prevalecer, durante muito tempo, a idéia de que qualquer

dicionário fosse uma lista de palavras com determinadas informações sobre as mesmas e que, portanto, era um “produto-lista” de elaboração relativamente “fácil”.

Contudo, para além dessa percepção utilitária tão imediata, em que pese a complexidade das funções citadas, é relativamente fácil antever que um dicionário, em geral, supera a singela função de “tira-dúvidas”. Afinal, é também um tipo de repositório ou de registro de todo um patrimônio sociocultural configurado pela língua, de modo que oferece bem mais do que respostas simples para dúvidas de grafia ou de regência verbal. Mas, com certeza, esse “a mais” contido em um dicionário só será descoberto pelo consulente da obra, independentemente do seu tipo ou natureza, à medida que ele saiba reconhecer as diferentes nuances de informação oferecidas em um verbete. Esse reconhecimento, naturalmente, requer um bom aprendizado.

Além do caráter de “tira-dúvidas de acesso rápido”, a produção lexicográfica pode ser percebida de um outro modo, em um viés bem menos pragmático e bastante apaixonado:

Fazer um dicionário é um assunto sumamente laborioso que requer, além de capacidades científicas tão espetaculares como agudeza de espírito, fantasia, coerência e juízo crítico, muitas virtudes discretas, aparentadas com as dos artífices, como paciência, assiduidade, constância, precisão nos pormenores e – por último mas não em ínfimo lugar – uma grande paixão de colecionador. (WEINRICH, 1979, p.314)

Seja para ultrapassar a apreensão da utilidade instantânea ou para compreender a visão admirada sobre os dicionários de quem aprendeu a conhecer as nuances das diferentes obras e que vivencia o seu fazer, quando interessa conhecer uma percepção teórica e metodológica exemplar da produção lexicográfica, Weinrich (1979) é um daqueles autores que merece ser relido sempre. Tomamos aqui algumas de suas idéias como um ponto de partida para nos guiar na reflexão sobre a lexicografia.

No seu entendimento fundamental, a obra lexicográfica, quando sua elaboração estiver associada a um trabalho de linguistas aplicados,<sup>3</sup> terá, em geral, uma vinculação com três elementos básicos. Esses elementos são: a) um *corpus* de referência; b) uma dada concepção de gramática e de língua; c) uma concepção determinada de descrição do significado.

No que diz respeito ao *corpus* de referência da lexicografia, trata-se de uma amostra de uso de língua, do qual parte um determinado tipo de reconhecimento

<sup>3</sup> Linguistas identificados *grosso modo* pelo autor, nos anos 70, pela subárea Linguística Aplicada. Tal designação, nos dias de hoje, é bastante problemática em função de amplitude de estudos e produção assim identificada.

do léxico. Esse *corpus* deve ser o mais representativo possível em função do tipo de produto que se tem em mente e do tipo de usuário que se pretende atender.

Os elementos *concepção de gramática* e *concepção de descrição do significado* aparecem intrinsecamente relacionados. Se a obra tem um caráter mais descritivo ou mais prescritivo, se as apresentações das paráfrases definitórias que correspondem ao conteúdo de cada unidade lematizada são mais ou menos pontuais, acompanhadas de abonações ou de exemplos – isso tudo dependerá do tipo de filiação teórica, relativa aos Estudos da Linguagem, em que se enquadrem a obra e seus autores. Em síntese, a concepção de língua e uma determinada avaliação do papel do léxico frente ao todo da língua, subjacente a cada empreendimento lexicográfico, modelará a apresentação de cada obra e decidirá o que deve ser privilegiado ou destacado.

Assim, por exemplo, no caso de um dicionário de usos do Português do Brasil, no qual estejam apresentadas as unidades por suas freqüências em um determinado *corpus*, espelhar-se-á uma concepção teórica específica. Nesse caso, conforme depreendemos dos ensinamentos de Biderman (1998, p.162), a língua poderá ser vista como um sistema probabilístico de combinatórias e de usos mais ou menos freqüentes, salientando-se que a freqüência será tomada como uma característica típica da palavra.

Em uma perspectiva como essa, cada tipo de palavra registrada terá padrões de freqüência que lhe são peculiares e isso deverá ser levado em conta na apresentação das informações para o consulente do dicionário, inclusive na descrição do significado mais usual ou freqüente de cada palavra.

Um outro aspecto particularmente interessante do “procedimento lexicográfico” é a lematização. Afinal, como outros aspectos, implica uma determinada concepção teórica do que seja uma *palavra*, mas também funciona como uma “marca” do fazer lexicográfico. Consiste no registro sintético da unidade, a partir de uma forma de realização tomada como referência, normalmente indicada na forma singular e no masculino quando temos nomes, ou no infinito, quando se tratar de verbos.

A lematização sintetiza, dentro de si, um reconhecimento da variação morfológica da unidade reconhecida como tal e também das suas combinatórias sintáticas. Essas combinatórias tendem a ser explicitadas no espaço do verbete destinado a exemplos, abonações e também no segmento tradicionalmente reservado às locuções em que a palavra lematizada participe, usualmente apresentadas como subverbetes de um verbete principal. Desse modo, por exemplo, em um dicionário monolíngüe, podemos encontrar um verbete para pé e, após todas as acepções elencadas para a palavra, um subverbo para pé de anjo.

Há ainda que se considerar a descrição dos significados da unidade, geralmente apresentados do mais denotado ao mais conotado, ordenados em uma sucessão de acepções. Esse ordenamento parece ser algo típico da produção lexicográfica, capaz de identificá-la como um gênero textual. Naturalmente, a apresentação de acepções deve ser criteriosa, não sendo raras ou recentes as críticas sobre sua não pertinência em algumas obras.<sup>4</sup>

Homonímia e polissemia são também itens relativos à descrição do significado, itens especialmente retratados nos dicionários de língua. Quando o lexicógrafo entender que é caso de homonímia, apresenta dois diferentes sentidos de uma palavra em entradas duplas: uma mesma unidade passa a ser vista como duas; por isso, terá dois verbetes separados. Se, em sua concepção, o lexicógrafo percebe o fenômeno como polissemia, colocará duas acepções numeradas a partir de mesma palavra-lema.

Pequenos mas também grandes detalhes como esses citados até aqui, apenas a título de exemplo, são reveladores de posições teóricas, ora homogêneas, ora variadas, que circunscrevem um fazer capaz de apaixonar o observador atento da lexicografia. Afinal, o tratamento do léxico nos dicionários espelha uma série de posições, imagens e modelos do funcionamento da linguagem, sendo capaz de oferecer também um quadro de percepções, colocadas historicamente, sobre as relações entre a língua e a cultura de uma sociedade. Essas posições, repousadas nos dicionários brasileiros,<sup>5</sup> percebidas pelos críticos desse tipo de obra e também por teóricos da linguagem em diferentes épocas, ensejam diferentes espécies de investigações científicas que, partindo da lexicografia, a tomarão como um objeto de estudo rico e multifacetado.

Esses estudos, uma vez produzidos e devidamente divulgados, com certeza, promoverão a maior visibilidade de uma crítica lexicográfica brasileira. Além disso, podem subsidiar investigações sobre qualidade ou adequação de determinados tipos de dicionários, auxiliando a preencher lacunas de formação de professores na área de Letras e Linguística e impulsionando uma melhor percepção do fazer lexicográfico em nossa sociedade.

## **Terminografia ou Lexicografia Especializada?**

O fazer terminográfico, frente às interfaces da Lexicologia, Lexicografia teórica, e Lexicografia prática, coloca-se como uma aplicação das teorizações

---

<sup>4</sup> Um trabalho que tratou de investigar a pertinência de acepções na lexicografia brasileira é o de Krieger (1980). As suas considerações ainda são válidas, aplicáveis a novas obras e merece ser relido.

<sup>5</sup> Para uma boa e recente síntese da trajetória histórica da metalexigrafia e dos dicionários brasileiros, recomendamos o trabalho de Welker (2006).

da Terminologia. É, assim, diferente da lexicografia, frisamos, mas guarda com ela algumas semelhanças.

A elaboração de um dicionário ou glossário de termos,<sup>6</sup> por exemplo, de Culinária ou de Direito Ambiental, pode ser percebida como um produto imediato, que, tal como o produto lexicográfico, também serve para tirar dúvidas sobre o sentido de um “termo técnico”, em uma área de saber específica. Mas também pode ser visto como produto da reflexão e, ao mesmo tempo, resultado da metodologia derivada dessa reflexão, teoricamente embasada.

O produto concreto, um dicionário terminológico, conforme temos entendido junto ao Grupo TERMISUL,<sup>7</sup> advém do reconhecimento terminológico, processo empreendido a partir de um dado *corpus* de referência, segundo uma sistemática planejada. Esse *corpus* representa uma determinada linguagem especializada em uso e deve servir de fonte para que se reconheçam usos terminológicos em sua dimensão mais ampla, o que comporta padrões textuais, fraseologias (conforme a concepção de BEVILACQUA, 2004), expressões cristalizadas, combinatórias freqüentes ou específicas, e, naturalmente, definições ou conceituações de termos.

Essa linguagem técnica ou científica, segundo nossa ótica, não corresponde a uma língua à parte da língua cotidiana, mas perfaz um uso seu que a torna peculiar, especializada, em uma dada situação de comunicação. O reconhecimento dessa linguagem, procedido segundo determinados princípios e critérios, gerará o dicionário ou glossário, *grosso modo* percebido apenas como uma “lista de termos”.

Há quem considere que a terminografia pode ser compreendida como uma *lexicografia especializada* (PICHT, 1993). Optamos por desviar, aqui, dessa discussão, apenas assinalando a sua existência. Afinal, entendemos que, quando se imagina que a terminografia seja uma derivação da lexicografia, colocamos em meio a um enredamento teórico e epistemológico, o qual convém ser explorado com a devida calma, em outra ocasião.

Entretanto, à parte de uma longa discussão sobre derivações ou disjunções que se queira travar oportunamente, vale recuperar as idéias de Coseriu (1979), ainda hoje úteis para uma aproximação das duas práticas. Esse célebre lingüista assinalava que um dicionário (de qualquer tipo, lexicográfico ou terminológico) trata de reconhecer uma *língua funcional* (grifos nossos). Na sua concepção, o termo *língua funcional* é entendido como uma *língua delimitada* dentro de uma *língua histórica*. Em tais condições, os dicionários tratam de uma *língua* que

---

<sup>6</sup> Adotamos junto ao Grupo TERMISUL uma distinção entre dicionário e glossário. Um glossário, na nossa concepção, implica uma abrangência menor de *corpus* de estudo que a de um dicionário. Um dicionário da legislação ambiental brasileira pressupõe um trabalho exaustivo de reconhecimento da terminologia. Um glossário, por sua vez, compreenderia, usualmente, um segmento dessa mesma legislação.

<sup>7</sup> Para maiores detalhes, veja [www.ufrgs.br/termisul](http://www.ufrgs.br/termisul).

corresponde a um determinado “dialeto”, num determinado nível, e na forma de um determinado estilo (COSERIU,1979, p.23).

Nesse ponto temos, então, uma importante conexão-pergunta entre os dois fazeres aqui em cotejo: uma linguagem especializada poderia ser entendida como um *estilo funcional* de uma língua determinada? Nessa medida, sem debater o estatuto da estilística coseriana frente aos Estudos da Linguagem atuais, a lexicografia que, por exemplo, tratasse da variante sul-rio-grandense do português brasileiro seria bastante semelhante à *lexicografia especializada* que se ocupe, também por exemplo, da “língua funcional” dos químicos utilizada no Brasil em uma determinada situação de comunicação.

Ainda que se reconheça, como bem assinala Cabré (1998, p.38), que “as regras gerais que governam o funcionamento do léxico são as mesmas que governam os termos” (grifo nosso) e que não temos uma “língua” diferente da língua portuguesa do Brasil na comunicação técnico-científica feita em português, acreditamos que os processos de trabalho lexicográfico e terminográfico realmente interconectam-se em vários pontos.

Todavia, há diferenças notáveis. Diferenças que não precisam ser “resolvidas”, mas, sim, compreendidas a bem de se preservar um trabalho criterioso em um e em outro caso. Naturalmente, é preciso reconhecer que a lexicografia monolíngüe incorpora, aos seus diferentes itens de informação, registros diatécnicos, isto é, indica e explicita as determinadas acepções de uma palavra que correspondem a seus usos técnicos ou científicos. Isso é inerente à prática lexicográfica e é feito de um modo peculiar. O processo equivalente, na relação todo-parte entre linguagem cotidiana, geral, e linguagem especializada, não ocorre na terminografia. Isso porque a preocupação não é tratar de todo o léxico da língua em foco.

O modo de registro do verbete, em cada uma das situações, atestará algumas especificidades que merecem atenção à medida que realizam concepções teóricas distintas. O modo de lematização, por exemplo, é um fator de distinção considerável da Terminografia, sobre o que tratamos a seguir.

## **Fundamentos da Terminografia e alguns exemplos contrastantes**

Como vimos em um trabalho anterior (FINATTO, 1998), a obra enciclopédica tende a superar a lexicográfica em detalhamento e variedade de informações definicionais. Na obra terminográfica, verificamos um modo de apresentação da informação que lhe é típico, muito mais recortado ou delimitado, normalmente vinculado a um conjunto textual de referência reconhecido pelo consulente da obra, tal como se tivesse sido elaborado especialmente para um determinado

segmento de usuários. Assim, muitas informações não precisam ser explicitadas no verbete, pois há a pressuposição, empiricamente fundamentada, do terminógrafo, de que não são necessárias.

Isso é o que vemos nos exemplos a seguir.<sup>8</sup>

**meio ambiente 1** m. sing.

Circunvizinhança em que uma organização opera, incluindo-se ar, água, solo, recursos naturais, flora, fauna, seres humanos e suas inter-relações (cf. NBR ISO 14001). Nota: Neste contexto, circunvizinhança estende-se do interior de uma organização para o sistema global. (KRIEGER *et al.* *Glossário de Gestão Ambiental*, no prelo)

**meio ambiente 2** m. sing

Conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas. (cf. Legislação Brasileira LEI6938 de 31/08/81) (KRIEGER *et al.* *Glossário de Gestão Ambiental*, no prelo)

No caso do nosso *Glossário*, vê-se uma clara vinculação das definições e das demais informações com um universo de referência bastante específico. No primeiro verbete, um conjunto de Normas ISO da série 14.000, relativas à certificação de conformidade ambiental para empresas privadas ou públicas. No segundo, a referência é a legislação ambiental brasileira relativa ao mesmo tema.

Outro aspecto digno de nota é o tratamento do significado do termo meio ambiente. Os dois verbetes, apresentados um após outro, com o acompanhamento de um número, indicam que reconhecemos dois conceitos diferentes, o que caracteriza, na relação com a lexicografia, um tratamento de homonímia. Aqui, nessa decisão metodológica, vale um princípio teórico básico da terminografia: a cada conceito diferente deve corresponder uma entrada diferente, devidamente sinalizada. Assim, definições diferentes pressupõem conceitos diferentes,<sup>9</sup> individualizados, válidos em determinadas situações e não em outras.

Além disso, vale destacar que, de acordo com nossa concepção de Terminologia, de viés comunicativo e textual, a qual dirige e modela a apresentação da informação para o usuário, acreditamos que o estatuto terminológico de uma unidade é dado por sua pertinência a um determinado tipo de texto. Isto é, nenhuma unidade lexical é *a priori* um termo, mas sim,

---

<sup>8</sup> Na nossa obra aparecem também termos equivalentes em alemão, espanhol, francês e inglês, e notas sobre esses equivalentes, não reproduzidos aqui.

<sup>9</sup> Não exploraremos aqui a distinção entre *conceitos* e *significados*. Para maiores detalhes sobre essa importante distinção, veja-se, por exemplo, a tese de doutoramento de Finatto (2001).



*torna-se um termo* à medida que essa condição é ativada em um ambiente textual e discursivo.

Vejamos, agora, um exemplo de registro lexicográfico desse mesmo item:

**meio 1**

[Do lat. *mediu*, por via popular.]

S. m.

1. Ponto eqüidistante, ou mais ou menos eqüidistante, dos extremos; metade: Depois de marcar o meio da linha vamos dividi-la em duas partes iguais; O vento partiu no meio as amarras do navio.

2. Ponto eqüidistante, ou mais ou menos eqüidistante, de diversos outros em sua periferia; centro: Dois diâmetros se cruzam no meio da circunferência; A lancha manobrava no meio da baía.

[seguem mais 20 acepções]

◊ **meio ambiente.**

1. O conjunto de condições naturais e de influências que atuam sobre os organismos vivos e os seres humanos.

[seguem mais 17 locuções]

(DICIONÁRIO AURÉLIO, 1999)

Esses, acreditamos, são exemplos bastante ilustrativos das duas práticas em suas junções e disjunções. Naturalmente, cabe registrar que o *Dicionário Aurélio* também utiliza o sistema de numeração para marcar homonímia, além da farta indicação de polissemia. Há um segundo verbete para meio, “**meio 2**”, associado a uma variante diatópica da palavra do Rio Grande do Sul.

Nos verbetes terminográficos, a característica é a acepção única, embora haja a presença de dois registros em separado para o termo meio ambiente. Na lexicografia, tal como se depreende desse exemplo, meio ambiente está morfologicamente subordinado ao registro da palavra meio. Esse tipo de subordinação não tem razão de existir no repertório terminográfico, visto que a concepção de léxico, diferente da primeira, não está em função da morfologia ou da etimologia, mas, sim, em função de um uso determinado, bastante localizado. Nesse sentido, se o uso mais freqüente de um determinado termo for no plural, assim será lematizada a unidade terminológica: no plural. Um exemplo desse caso é o termo águas residuárias, que também integra o nosso *Glossário de Gestão Ambiental*.

## **Discussão e perspectivas**

Como tentamos demonstrar brevemente, a lexicografia e a terminografia, representadas aqui por uns poucos exemplos de um dicionário monolíngue e

de um glossário de termos, são práticas diferentes à medida que realizam concepções diferentes da língua e do léxico, nas funcionalidades da língua a que se dedicam retratar.

Considerando o pleno valor da prática terminográfica mais tradicional, representada pela produção dicionarística impressa em papel, parece-nos importante também ampliar a pesquisa na área para que sejam explorados, de um modo mais dinâmico, outros aspectos do reconhecimento terminológico, tais como a distribuição e o uso das terminologias em textos especializados, com informações oferecidas ao usuário em formato digital. Nessa direção, o grupo de pesquisa que integramos está desenvolvendo o projeto “*Acervo TERMISUL: padrões da linguagem legal, normativa e científica*”.<sup>10</sup> Entre as informações que já estão sendo oferecidas, estão: a) *corpora* textuais em português, alemão, espanhol, francês e inglês; b) ferramentas para a extração de informações desses *corpora*, tais como geradores de contextos por expressões de busca; e, c) mapas conceituais relativos a grupos de documentos.

Também será oferecido um conjunto de amostras de glossários elaborados pelos alunos de graduação do Curso de Bacharelado em Letras – habilitação Tradutor. Esses glossários privilegiam a identificação dos termos e de seus diferentes tipos de uso em textos. A partir desse princípio teórico-metodológico, da nossa concepção de Terminologia, juntamente com uma ampla lista dos termos mais frequentes em dada área de conhecimento ou especialidade, são elaborados mapas conceituais de diferentes áreas do conhecimento.

Em síntese, além da inserção textual da terminologia, interessa-nos o modo como se configura o conhecimento e suas inter-relações. Esses dois procedimentos também podem ser incorporados ao rol das particularidades de um fazer terminográfico mais atual, fortemente marcado pela informatização e por recursos de consulta *on-line*. A esse fazer aqui referido, certamente corresponde uma produção lexicográfica de feição digital, informatizada, consultada via internet, que se diferenciará da produção tradicional impressa tanto pelo conteúdo quanto pelo tipo de recursos, orientação teórica e metodologias.

Ao encerrar este trabalho, vale retomar o questionamento lançado no seu início sobre que critérios presidem a confirmação ou rejeição de uma dada unidade em um repertório de termos, seja um glossário colocado na internet ou oferecido em uma obra impressa usual.

Os critérios são vários e, frisamos, devem ser teoricamente dependentes. Além disso, determinam não só quais elementos são apresentados, mas também o que deve e o que pode estar ausente. São princípios que também condicionam

---

<sup>10</sup> Com apoio financeiro do CNPq. Edital 61/2005.Processo 401359/2006-9.

a forma de apresentação das informações para o consulente. A origem desses princípios não importa; o que importa é que sejam constantes, homogêneos, coerentes com os objetivos propostos e identificáveis.

Assim, muito antes que saber responder, pontualmente, a pergunta básica da terminografia, vale, sim, saber de onde ela se coloca e o que há nela implicado. Vale o mesmo para a produção lexicográfica e para a seleção de entradas de um dicionário monolíngüe.

Conforme a nossa homenageada, “é preciso desvendar o mistério de como se estrutura o léxico da nossa língua” (BIDERMAN, 1998, p.178). Nessa missão, lexicografia e terminografia cumprem importantes funções. Os “desvendamentos” da lexicografia e da terminografia, ao nosso ver, não são antagônicos; mas complementares.

## **Agradecimentos**

À colega Anna Maria Becker Maciel, que colaborou com o planejamento estrutural deste texto. Às estudantes Siane Simioni e Edna Hornes de Lima, pelo auxílio inicial. Ao CNPq, à FAPERGS e PROPESQ/UFRGS, pelo suporte às nossas pesquisas em Terminologia.

BEVILACQUA, C. R.; FINATTO, M. J. B. Lexicography and terminology: some basic contrasts. *Alfa*, São Paulo, v.50, n.2, p.43-54, 2006.

- *ABSTRACT: This paper deals with the nature and functioning of the terminographical work in counterpoint to the lexicographical work. Starting from the experience of elaborating dictionaries in the legal environmental area, it is put forward that there are two quite distinct views of the lexicon in those two types of work.*
- *KEYWORDS: Lexicography; terminography; monolingual dictionary; specialized dictionary; terminology.*

## **Referências bibliográficas**

BEVILACQUA, C. R. *Unidades fraseológicas especializadas: descripción y reglas de formación em el ámbito de la energía solar*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto Universitário de Linguística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2004.

BIDERMAN, M. T. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português. *Alfa*, São Paulo, v.42, p.161-181, 1998. Número especial.

CABRÉ, M. T. et al. La terminología hoy: replanteamiento o diversificación. *Organon*, Porto Alegre, v.12, n.26, p.33-41, 1998.

COSERIU, E. A perspectivação funcional do léxico. In: VILELA, M. (Org.) *Problemas da lexicologia e lexicografia*. Porto: Civilização, 1979. p.15-33.

DICIONÁRIO Aurélio eletrônico século XXI: versão eletrônica. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 1999.

FINATTO, M. J. B. Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida. *Organon*, Porto Alegre, v.12, n.26, p.133-146, 1998.

\_\_\_\_\_. *Definição terminológica: fundamentos teórico-metológicos para sua descrição e explicação*. 2001. 395f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem, Teorias do Texto e do Discurso) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

KRIEGER, M. G. *A definição lexicográfica no novo dicionário Aurélio*. 1980. 214f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1980.

KRIEGER, M. G. et al. *Glossário de gestão ambiental*. São Paulo: Disal, 2007 (no prelo).

PICHT, H. Ein trans-und interdisziplinäres Wissensgebiet. Die Entwicklung nach Eugen Wüster.<sup>11</sup> *Fachsprachen: Internationale Zeitschrift für Fachsprachenforschung, -didaktik und Terminologie*. Wien, v.1, n.1, p.2-18, 1993.

WEINRICH, H. A verdade dos dicionários. In: VILELA, M. (Org.) *Problemas da lexicologia e lexicografia*. Porto: Civilização, 1979. p.314-337.

WELKER, H. A. Breve histórico da metalexicografia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. *MATRAGA*, Rio de Janeiro, ano 13, n.19, p.69-84, 2006

---

<sup>11</sup> “Terminologia – Uma área de conhecimento trans e interdisciplinar. A evolução desde Eugen Wüster”, artigo de Heribert Picht. A tradução de Leonardo Zilio, feita em 2005, em breve estará disponível no Cadernos de Tradução do Instituto de Letras da UFRGS.